



## OS SIGNIFICADOS DO INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS NO PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO DO JOVEM NO ENSINO MÉDIO NA MODALIDADE DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

REGINA MARIA DE OLIVEIRA BRASILEIRO  
PHABYANNO RODRIGUES LIMA

EIXO: 7. EDUCAÇÃO, TRABALHO E JUVENTUDE

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo compreender os significados do Instituto Federal de Alagoas - IFAL no processo de escolarização do jovem no ensino médio na modalidade de educação profissional. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, que tem o estudo de caso enquanto abordagem metodológica. Os sujeitos investigados foram 17 jovens estudantes do 1º ano do ensino médio integrado a educação profissional do curso de Eletrotécnica, ofertado pelo IFAL, Câmpus Maceió. Fundamenta-se nas discussões dos autores Pais (1990), Rocwell, Ezpeleta (1989); Peralva (1997); Galvão; Sposito (2004), Dayrell (2007), Reis (2012). Os resultados mostram que muitos são os motivos para a escolha dos jovens em estudar o ensino médio na modalidade de educação profissional, no qual se destacam o desejo da família e a busca pela qualificação profissional e inserção no mercado de trabalho. Conclui-se que o IFAL possui significado para os jovens que optam por estudar nessa instituição, enquanto que para aqueles que foram “obrigados” a fazer parte desse ambiente educacional, a escola passa a não ter sentido.

**Palavras-chave:** Jovem. Ensino Médio. Educação Profissional.

**Abstract:** This paper aims at understanding the significance of Instituto Federal de Alagoas – IFAL in the process of the schooling of the high school teenagers in the professional education category. This is a qualitative research that uses case studies as its methodology. The subjects in question were 17 teenage students from regular high school first grade integrated with electrotechnical professional education taught at IFAL, Maceió Campus. It is grounded in the discussion of Pais (1990), Rocwell, Ezpeleta (1989), Peralva (1997), Galvão; Sposito (2004), Dayrell (2007), Reis (2012). The findings show that many are the reasons for teenage choices for studying regular high school integrated with professional education such as their family desires, and the search for professional qualification for joining the labour market. We conclude that IFAL has great significance to teenagers that naturally choose to study in this institution, while for those who were somehow forced to join this educational environment, school becomes meaningless.

**Keywords:** Teenagers. High school. Professional education.

### 1. INTRODUÇÃO

Neste artigo apresentaremos as reflexões sobre juventude e escolarização, visando o aprofundamento da discussão sobre o papel da escola para os jovens do ensino médio. Muito tem se discutido sobre a relação do jovem com a escola, visto que esta instituição de ensino tem um papel decisivo na vida desses sujeitos, tornando-se um espaço de convivência, de aprendizagem e de (re)organização da cultura juvenil.

Notamos que a escola vem enfrentando uma crise na sua relação com a juventude. Para as instituições de ensino e seus profissionais, a culpa está no jovem que não possui interesse para estudar, não se preocupa com o “futuro” e procura outras formas de viver que não estão vinculadas as oportunidades oferecidas pela escola.

Por outro lado, os jovens culpabilizam a escola por se mostrar distante dos seus interesses, com aulas monótonas e conhecimentos que pouco contribuem para as suas vidas, sendo um espaço que se torna obrigatório apenas para a

aquisição dos documentos de certificação da sua escolaridade.  
Segundo Dayrell (2007, p.1106),

Ao buscar compreender essa realidade, um primeiro passo é constatar que a relação da juventude com a escola não se explica em si mesma: o problema não se reduz nem apenas aos jovens, nem apenas à escola, como as análises lineares tendem a conceber. Tenho como hipótese que as tensões e os desafios existentes na relação atual da juventude com a escola são expressões das mutações profundas que vêm ocorrendo na sociedade ocidental, que afeta diretamente as instituições e os processos de socialização das novas gerações, interferindo na produção social dos indivíduos, nos seus tempos e espaços.

A partir dessa perspectiva, considerando que a relação entre o jovem e a escola não é linear e que outras mudanças no contexto social ocorrem simultaneamente, procuraremos compreender essa relação partindo da seguinte problematização: qual o significado da escola de educação profissional para os jovens que escolhem estudar o ensino médio nessa instituição de ensino?

Dessa forma, com o intuito de situar o leitor na nossa problemática, os Institutos Federais foram criados a partir da Lei 11.892, de 29 de dezembro de 2008, com a junção entre os CEFETs 1e as Escolas Técnicas. Esta Lei, em seu artigo 2º, estabelece que

Os Institutos Federais são instituições de educação superior, básica e profissional, pluricurriculares e multicampi, especializados na oferta de educação profissional e tecnológica nas diferentes modalidades de ensino, com base na conjugação de conhecimentos técnicos e tecnológicos com as suas práticas pedagógicas, nos termos desta Lei.

Nessa perspectiva, compreendemos que os Institutos Federais ampliaram suas ações, tornando-se instituições que ofertam educação básica e ensino superior. O Instituto Federal de Alagoas - IFAL se insere nesse contexto ofertando cursos de educação profissional técnica de nível médio, nas formas integrada, subsequente e na modalidade de educação de jovens e adultos; além de cursos superiores tecnológicos, licenciaturas e bacharelados e pós-graduação *lato sensu*.

Considerando toda essa oferta, nossa inquietação se intensifica quando refletimos sobre a pluralidade educacional existente nessa instituição, no qual nos preocupamos ainda mais em saber os motivos pelos quais os jovens buscam sua escolarização nessa instituição de ensino.

Esse artigo tem como objetivo compreender os significados do IFAL no processo de escolarização do jovem no ensino médio na modalidade de educação profissional.

Para o desenvolvimento dessa investigação, optamos pela pesquisa qualitativa, que enfatiza mais o processo do que o produto, se preocupando em retratar a perspectiva dos participantes.

Na pesquisa qualitativa todas as pessoas que participam da pesquisa são reconhecidas como sujeitos que elaboram conhecimentos e produzem práticas adequadas para intervir nos problemas que identificam. Pressupõem-se, pois, que elas têm um conhecimento prático, de senso comum e representações relativamente elaboradas que formam uma concepção de vida e orientam as suas ações individuais (CHIZZOTTI, 2001, p. 38).

A abordagem metodológica utilizada foi o estudo de caso, que

[...] é o estudo de *um* caso, seja ele simples e específico, como o de uma professora competente de uma escola pública, ou complexo e abstrato, como o das classes de alfabetização (CA) ou o do ensino noturno. O caso é sempre bem delimitado, devendo ter seus contornos claramente definidos no desenrolar do estudo. O caso pode ser similar a outros, mas é ao mesmo tempo distinto, pois tem um interesse próprio, singular (LÜDKE; ANDRÉ, 2008, p.17).

O questionário foi usado enquanto instrumento de coleta de dados, composto de dez questões abertas. As questões foram elaboradas com o intuito de buscar informações referentes as questões pessoais, tais como idade, sexo, localidade; além das questões mais específicas sobre a problemática investigada, como: motivos para estudar no IFAL, escolha do curso, pretensões de atuação profissional na área do curso, importância do IFAL para a sua vida, significados de ser jovem e estudar o ensino médio em uma escola de educação profissional.

Os sujeitos investigados foram 17 alunos do curso de educação profissional integrado ao ensino médio na área de Eletrotécnica, do turno vespertino e que estão estudando no 1º ano.

O artigo está dividido em duas etapas. Na primeira discutiremos os conceitos de jovem/juventude, a partir da relação com a sociedade e com a escola, tendo como referencial os estudos de Pais (1990), Rocwell; Ezpeleta (1989) e Peralva (1997).

Na segunda parte, analisaremos os dados coletados, buscando analisar os significados da escola para os jovens a partir dos estudos de Galvão; Sposito (2004), Dayrell (2007), Reis (2012).

## **2. O SER JOVEM E SUA RELAÇÃO COM A SOCIEDADE E COM A ESCOLA**

Na sociedade em que vivemos, muitos são os pensamentos e as definições do que significa ser jovem. Comumente, a tendência é ver a juventude como uma fase transitória, em que o jovem é apenas um sujeito que se prepara para a fase adulta da sua vida. Uma perspectiva pautada nos aspectos cronológicos da vida humana, não considerando os aspectos social e histórico. "Nós sabemos hoje que as idades da vida, embora ancoradas no desenvolvimento bio-psíquico dos indivíduos, não são fenômenos puramente natural, mas social e histórico, datado, portanto, e inseparável do lento processo de constituição da modernidade [...]" (PERALVA, 1997, p.15).

Essa forma de compreender o jovem faz com que o seu presente não seja importante, remetendo toda sua trajetória juvenil a expectativa para a chegada da fase adulta. Além disso, a juventude se torna alvo das investidas da indústria cultural e do comércio, a partir das marcas do mercado nas roupas, nos acessórios, nas músicas, nas revistas e nos demais produtos.

Nesse sentido, vai se formando uma cultura juvenil percebida como uma etapa da vida do sujeito de liberdade, de prazer, de um modo diferente de se expressar socialmente. Uma fase de maior tolerância a esse comportamento "estranho" do jovem, pois ele encontra-se em transição, podendo ser julgado como "irresponsável" ou "desinteressado".

Segundo Pais (1990), a juventude é uma categoria social manipulada, pois se considerarmos os jovens como uma unidade social, com interesses comuns de uma determinada faixa etária, desconsideramos as suas diferenças e mostramos a evidência dessa manipulação.

A sociologia das juventudes apresenta duas tendências na forma de conceituar o jovem e suas juventudes, no qual uma perspectiva enfatiza as questões cronológicas, etárias dessa fase da vida; e na outra prevalece as questões sociais e sua diversidade.

1. Numa delas, a juventude é tomada como um conjunto social cujo principal atributo é o de ser constituído por indivíduos pertencentes a uma dada <<fase da vida>>, prevalecendo a busca dos aspectos mais uniformes e homogêneos que caracterizariam essa fase da vida – aspectos que fariam parte de uma <<cultura juvenil>>, específica, portanto, de uma geração definida em termos etários;
2. Noutra tendência, contudo, a juventude é tomada como um conjunto social necessariamente diversificado, perfilando-se diferentes culturas juvenis, em função de diferentes pertencimentos de classe, diferentes situações econômicas, diferentes parcelas de poder, diferentes interesses, diferentes oportunidades ocupacionais, etc. Nestro sentido, seria, de facto, um abuso de linguagem subsumir sob o mesmo conceito de juventude universos sociais que não têm entre si praticamente nada de comum (PAIS, 1990, p.140).

Nessa perspectiva, percebemos que a juventude faz parte de uma construção social e histórica, que pode estar atrelada ou não a fase da vida; e que se apresenta enquanto diferentes culturas juvenis, com interesses e grupos diversificados. A condição do jovem hoje, perante a sociedade, ainda permite que ele seja percebido enquanto problema social, seja na escola, com os pais, na vida profissional, nas drogas, na violência; problemas que seriam específicos do universo juvenil. Pais (1990) nos alerta para pensarmos: será que esses problemas seriam mesmo dos jovens? Será que os jovens encaram esses problemas como pertencentes a sua classe?

A sociologia da juventude argumenta que a mídia é um dos elementos de propagação dessa cultura juvenil, difundindo a imagem do jovem a essa perspectiva. É nesse sentido que surge o desafio de desconstruir/desmistificar esses aspectos da construção social dos jovens, fazendo que eles sejam percebidos na sua heterogeneidade.

Nesse emaranhado de dilemas e conflitos é que encontramos o jovem nas suas relações sociais, no qual a escola se destaca por ser um espaço de convivência e construção do conhecimento, no qual os desafios vividos nos demais contextos sociais também se inserem no ambiente escolar.

Muitos são os problemas que a educação brasileira enfrenta, com a situação precária das escolas, muitas vezes sem água, sem ventiladores, sem quadro, sem banheiros, etc.; falta de merenda; baixos salários dos professores; salas de aula lotadas e sem condições de uso; falta de professores; falta de transportes para os alunos que estudam em outras cidades; metodologias de ensino que desconsideram os saberes produzidos pelos jovens e não colaboram para seus avanços no processo de ensino aprendizagem; descompromisso das autoridades com a educação das suas

localidades.

Todos esses fatores refletem na condição do jovem dentro da sociedade, que tendem a buscar locais e realidades mais atrativas que valorizem a sua condição de ser jovem. Porém, o que notamos é que esse ser jovem acaba sendo marginalizado e excluído da sociedade, rotulado ao fracasso e restando a sua inserção social no mundo da violência, da droga e da desigualdade.

Nesse cenário, cabe nos perguntarmos: qual o papel da escola na formação do jovem? A escola reconhece os conhecimentos/saberes produzidos pelos jovens? A escola tem compromisso com a formação desses jovens? A escola exerce o seu papel de formadora, incluindo esses jovens na sociedade? Qual o significado da escola para esses sujeitos?

Esses questionamentos nos fazem refletir sobre a relação entre sociedade, escola e juventude, considerando que a escola é tomada como uma unidade singular que possibilita a integração entre sujeitos.

O papel da escola na formação dos jovens deve partir da vida cotidiana, no qual os sujeitos individuais levam seus saberes específicos para a construção do conhecimento no ambiente escolar.

Neste espaço, incorporam-se e tornam-se significativos numerosos elementos não previstos nas categorias tradicionais na realidade escolar. A realidade escolar aparece sempre mediada pela atividade cotidiana, pela apropriação, elaboração, refuncionalização ou repulsa que os sujeitos individuais levam a cabo (ROCKWELL; EZPELETA, 1989, p. 25).

Quando a escola passa a incorporar a vida cotidiana, ela considera e valoriza a heterogeneidade dos sujeitos pertencentes a esse espaço, tornando o ambiente propício para a aprendizagem e construção de saberes que servirão ao longo da vida, atribuindo significado e sentidos a tudo que é discutido/produzido na escola.

Segundo Rockwell; Ezpeleta (1989, p.25-26), “A única forma de se dar conta do heterogêneo, de não perdê-lo – sem se deixar, porém, perder nele – é a de reconhecê-lo como um produto de uma construção histórica”.

Nessa perspectiva que os jovens buscam a escola. Porém, a escola é a mesma, com precárias condições que não atendem as necessidades do jovem de hoje, atribuindo a esse jovem a culpa pelo seu fracasso e sua exclusão social.

A escola descaracteriza e desconhece a existência desse jovem, se tornando um ambiente violento e desinteressante para esses sujeitos. Essa situação também tem influenciado a prática de professores e diretores, que estão desistindo do seu compromisso enquanto educadores, em que não se preocupam mais com os jovens estudantes, promovendo alunos problemáticos com a intenção de se livrarem logo deles, sem necessidade de dar maiores explicações a gestão da escola.

Notamos que há um esgotamento do modelo educacional vigente, enfatizando a crise de paradigma que vivenciamos, sendo necessário romper com esse modelo fragilizado de educação e propor um novo formato que atenda as exigências e desafios dessa nova sociedade, dessa nova juventude brasileira. Percebemos que esses sujeitos tem consciência do seu papel enquanto estudantes e da função da escola no seu processo de escolarização.

Os jovens analisam a sua condição social, apontam que em algumas situações eles são responsáveis pelo seu processo de escolarização, ao mesmo tempo que responsabilizam a escola pelos seus fracassos escolares. Essa situação se encadeia numa trama de sujeitos envolvidos e contextos sociais, no qual a pergunta sobre de quem é a culpa continua sem respostas precisas, ficando a reflexão se a sociedade continua dividida em classes, com poderes concentrados na mão da minoria da população, seria a escola o espaço que possibilitaria a reorganização social de uma sociedade excludente para uma sociedade includente?

A partir dessas reflexões, acreditamos na importância da escola para a formação do jovem e das suas culturas juvenis, sendo ainda um espaço de promoção social, de aprendizagem, de construção e valorização de saberes que serão aproximados e utilizados na vida cotidiana desses sujeitos. Daí a necessidade de compreendermos os significados da escola para a juventude, no qual discutiremos no próximo item.

### **3. EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E O JOVEM NO ENSINO MÉDIO: OS SIGNIFICADOS DO INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS**

A história da educação no Brasil nos apresenta uma perspectiva bastante excludente para o acesso ao mundo escolarizado. Sabemos que a escola, durante muito tempo, foi destinada a classe dominante, a elite, sobrando para o restante da população o acesso as diferentes formas de trabalho.

De acordo com Sposito; Galvão (2004, p. 346),

A acelerada urbanização do país, a exigência de maior escolaridade para o mercado de trabalho e a afirmação, em

textos legais, da educação escolar como um direito de crianças e jovens, decorrente do novo desenho institucional provocado pela transição democrática, são elementos que integram a configuração sócio-política que pressionou a escola a abrir-se para um público para quem até então era uma realidade distante.

Nesse cenário, a educação passa a ser compreendida como um direito de todos e dever do Estado em garantir a sua oferta. Considerando as exigências de qualificação profissional para o mercado de trabalho, a educação profissional, enquanto modalidade de ensino, ganha força e expansão com a criação dos Institutos Federais, proporcionando o restabelecimento do ensino médio integrado.

Dessa forma, o jovem tem a opção de buscar seu processo de escolarização interligado com o aperfeiçoamento profissional, garantindo uma dupla formação ao finalizar o ensino médio.

A pesquisa foi realizada com 17 jovens do 1º ano do curso de Eletrotécnica. Para preservar a identidade dos investigados, identificaremos como J1, J2, J3 e assim por diante.

Os sujeitos investigados possuem faixa etária entre 14 a 18 anos, no qual percebemos que a maioria encontra-se com a idade de 16 anos. Outro dado importante é com relação ao gênero, no qual 15 sujeitos são do sexo masculino e apenas 2 do sexo feminino. Podemos inferir que esse fato ocorre devido às características do curso, por ser da área de exatas e pela masculinidade da profissão, evidenciada socialmente.

Em relação às localidades onde reside, a maioria mora em Maceió (13 sujeitos), além das cidades de Coruripe (2), Rio Largo (1) e Anadia (1). Essas cidades são consideradas próximas de Maceió, no qual é muito comum a presença de estudantes que moram no interior estudando no IFAL – Câmpus Maceió, mesmo com a chegada da instituição em suas localidades. Percebemos que o estudar na “capital” é um fator ainda muito importante para as famílias desses jovens.

No que se refere aos motivos que levaram os jovens a estudar no IFAL, as repostas são diversas. A maioria alega ser o fato da profissionalização no curso técnico, que garante uma estabilidade profissional e a inserção direta no mercado de trabalho.

Outros motivos foram apontados pelos estudantes, como o desejo da família; a qualidade do ensino ofertado na instituição; o gosto pela área e a vontade de estudar; o reconhecimento dos cursos da instituição no mercado de trabalho, além do fato da instituição ser uma escola pública, sem custo financeiro.

Quando perguntamos sobre os motivos para a escolha pelo curso de eletrotécnica, os principais foram a identificação, interesse e gosto pela área; e por ser a menor concorrência no exame de seleção do IFAL.

Isso mostra duas perspectivas de interesse dos jovens pela instituição de ensino, percebendo a heterogeneidade que compõem esse grupo e que é característico da cultura juvenil.

De acordo com Dayrell (2007, p.1109),

Para os jovens, a escola e o trabalho são projetos que se superpõem ou poderão sofrer ênfases diversas, de acordo com o momento do ciclo de vida e as condições sociais que lhes permitam viver a condição juvenil. Nesse sentido, o mundo do trabalho aparece como uma mediação efetiva e simbólica na experimentação da condição juvenil, podendo-se afirmar que “o trabalho também faz a juventude”, mesmo considerando a diversidade existente de situações e posturas por parte dos jovens em relação ao trabalho.

Essa busca pelo processo de escolarização e sua formação profissional para o mercado de trabalho faz com que os jovens procurem estudar em cursos de educação profissional nos Institutos Federais e em outras instituições de ensino. Não podemos negar que existe um grande investimento do governo federal em cursos técnicos e profissionalizantes, que visa atender essas juventudes, que na sua maioria pertencem a classe menos favorecida da população brasileira.

Dayrell (2007, p.1122) afirma ainda que

[...] a relação dos jovens pobres com a escola expressa uma nova forma de desigualdade social, que implica o esgotamento das possibilidades de mobilidade social para grandes parcelas da população e novas formas de dominação. Neste caso, a sociedade joga sobre o jovem a responsabilidade de ser mestre de si mesmo.

Apesar de constatarmos que a maioria dos jovens investigados se identificava com a área para a escolha do curso, quando perguntamos se eles pretendiam trabalhar na área do curso, as repostas foram bastante diversificadas.

Apenas um sujeito (aproximadamente 6%) ainda não sabe se quer trabalhar na área de sua formação na educação profissional. Aproximadamente 41% dos jovens investigados não querem trabalhar na sua área de formação.

J13 afirma que "o curso não é bom e não pretende subir em poste e levar choque no exercício da profissão". J9 diz que "outros trabalhos ganham mais e trabalham menos". J1, J6, J7, J11 não gostam ou não se identificam com a área.

Os demais sujeitos investigados (aproximadamente 53%) pretendem atuar como profissionais na área de formação. J5 evidencia a grande quantidade de vagas no mercado de trabalho, gerando oportunidade de emprego. J2, J3, J4, J12, J14 e J17 gostam do curso e da área, fazem o que gostam e querem seguir a carreira profissional na área de eletrotécnica.

Percebemos que os jovens que optam pelo IFAL por interesse próprio, conseguem atribuir sentido e significado a formação recebida, mostrando interesse em prosseguir na carreira profissional. Aqueles que ingressaram na instituição por outros motivos, como o desejo da família ou a possibilidade de estudar numa instituição pública, acabam desgostando da área, aguardando apenas a conclusão do curso para ingresso em outro curso de formação.

Para aprofundar ainda mais a problemática dessa pesquisa, perguntamos aos jovens qual a importância, o significado do IFAL para as suas vidas, as repostas divergiram em duas perspectivas. A maioria dos investigados, aproximadamente 52%, afirmam que o IFAL não tem nenhuma importância nas suas vidas; que é apenas um colégio comum; que não se sentem bem neste local e não gostam da instituição. Enquanto que os demais dizem que o IFAL é importante para suas vidas, por proporcionar oportunidade de trabalho; de qualificação profissional, com uma aprendizagem mais significativa, deixando o currículo mais adequado ao mercado de trabalho.

Esses dados revelam que o IFAL ainda se mantém distante dos jovens que nele estudam, evidenciando um desconforto e um não pertencimento por parte desses sujeitos a esta instituição. Segundo Reis (2012, p.136), "[...] a escola, de maneira geral, não se envolve com o momento complexo e difícil que esses jovens estão vivenciando. Identifica-se que grande parte dos jovens procurava construir praticamente sozinhos as estratégias para viabilizar seus planos de futuro". Compreendemos que o papel da escola para os jovens é possibilitar as condições de sonho, de luta, de transformação das suas realidades, de melhoria da condição social, ou seja, um espaço de inclusão, de diversidade, de vivências, de construção de saberes.

Para isso, é necessário que a escola se aproxime dos jovens, das suas culturas, dos seus modos de pensar e agir, dando significado e sentido as vivências que ali vão sendo construídas.

Finalizando a investigação, perguntamos aos sujeitos o que significa ser jovem e estudar numa escola de educação profissional. Novamente as repostas foram diversificadas.

Percebemos que 47% dos jovens afirmam que ser jovem e estudar numa escola de educação profissional é bom, pois permite ter mais oportunidades de trabalho; possibilita melhorar a vida escolar e profissional; conseguem sair do ensino médio com uma profissão; e que significa que eles querem alguma coisa com a vida.

Já 42% nos dizem que não significa nada demais, que a instituição precisa melhorar, pois falta materiais para trabalhar nas aulas práticas, as metodologias de ensino de alguns professores não são adequadas e estão distantes do mercado de trabalho. Apenas 11% dos jovens não souberam responder a questão.

Essas afirmações se tornam preocupantes, pois mostram o quanto que os jovens ainda não possuem um pensamento formado sobre o lugar que ocupam, não se percebendo enquanto sujeitos da educação profissional, mesmo reproduzindo o discurso da busca pela qualificação profissional.

Para Reis (2012, p.135),

[...] as juventudes são plurais e que elas se constroem, em grande parte, dentro de instituições escolares. Portanto, torna-se necessário "compreender suas práticas e símbolos como manifestação de um novo modo de ser jovem, expressão de mutações ocorridas no processo de socialização" (DAYRELL, 2007, p.1107). Estas manifestações são produzidas através da mescla entre faixa etária, gênero, condições de moradia, renda familiar, mundo do trabalho, vida escolar e formas de sociabilidades diversas. Nessa direção, o contexto escolar tem sido privilegiado como lugar de expressão de uma multiplicidade de modos de ser jovem, que não correspondem a um modelo de sujeito definido apenas por idade, e sim, por uma composição plural, que inclui dimensões históricas, culturais, econômicas e políticas.

Considerando a pluralidade juvenil, a escola deve buscar o diálogo constante com os jovens, proporcionando ações que valorizem a cultura juvenil nas suas mais diferentes expressões. Acreditamos que essas ações possibilitariam uma maior clareza sobre o seu papel enquanto jovem e o significado da escola de educação profissional nas suas vidas.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este artigo teve como objetivo compreender os significados do IFAL no processo de escolarização do jovem no ensino médio na modalidade de educação profissional.

Para grande parte dos jovens investigados, percebemos que diversos fatores fizeram com que eles optassem

por estudar o ensino médio numa escola de educação profissional, no qual destacamos a busca pela profissionalização no curso técnico e a inserção direta no mercado de trabalho.

Além disso, percebemos que a escolha pelo curso se dá pelo interesse pela área e pela menor concorrência no exame seletivo da instituição. Isso apresenta uma ambiguidade expressiva entre os jovens, no qual alguns não possuem clareza dos motivos pelos quais ingressaram no IFAL; ou ainda que esses motivos são desejos de outros sujeitos do seu contexto social, desconsiderando suas próprias vontades.

A maior parte dos jovens reconhece a importância de estudarem numa escola de educação profissional, mesmo aqueles que não tem a pretensão de ingressar no mercado de trabalho na área de formação técnica.

Notamos, ainda, que o IFAL, assim como outras instituições de ensino, estão cada vez mais distantes da cultura juvenil, não apresentando ações que proporcionem um maior significado da instituição com as formas de ser, pensar e agir desses jovens, deixando com que cada um faça suas escolhas profissionais e construam o seu futuro.

Precisamos pensar qual o real papel e significado das escolas para os jovens; se ainda vale a pena investir em propostas pedagógicas homogeneizadoras e que desconsiderem as diversas juventudes presentes nos seus contextos escolares.

Portanto, compreendemos que essa pesquisa nos permitiu refletir sobre o papel da escola na formação do jovem, enquanto espaço de organização, socialização e transformação, que pode ser fator determinante para a inclusão ou não do jovem no contexto social. Possibilitou, ainda, perceber que mesmo com todo “investimento” na educação profissional e na qualidade do ensino, é possível observar a diversidade de significados atribuídos ao IFAL pelos jovens, que permeiam as condições de acesso e permanência na escola, apresentando as fragilidades do sistema educacional e o distanciamento entre juventudes e escola.

Concluimos que o IFAL possui significado para os jovens que optam por estudar nessa instituição, enquanto que para aqueles que foram “obrigados” a fazer parte desse ambiente educacional, a escola passa a não ter sentido. Acreditamos que essa pesquisa contribui para aprofundarmos a discussão na área e esperamos dar continuidade aos estudos em investigações futuras.

## 5. REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008.** Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. Brasília, 2008. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2008/Lei/L11892 .htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11892.htm)>. Acesso em: 01 fev. 2012.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais.** São Paulo: Cortez, 2001.

DAYRELL, J. A escola “faz” juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educ. Soc.**, Campinas, SP, v.28, n.100, p.1105-1128, 2007. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** 11ª reimpressão. São Paulo: EPU, 2008.

PERALVA, A. O jovem como modelo cultural. **Revista Brasileira de Educação**, mai/jun/jul/ago, 1997, n.05; set/out/nov/dez, 1997, n.06.

REIS, R. Juventudes no ensino médio: sentidos atribuídos à escola e aos planos futuros. **Latidade**, vol. 6, n. 1, 2012, p. 131-155.

ROCKWELL, E.; EZPELETA, J. A escola: relato de um processo inacabado de construção. In: \_\_\_\_\_. **Pesquisa participante.** São Paulo: Cortez, 1989, p. 9-30.

SPOSITO, M. P.; GALVÃO, I. A experiência e as percepções de jovens na vida escolar na encruzilhada das aprendizagens: o conhecimento, a indisciplina, a violência. **PERSPECTIVA**, Florianópolis, v. 22, n. 02, p. 345-380, jul./dez. 2004 Disponível em: <http://www.ced.ufsc.br/nucleos/nup/perspectivas.html>.

[1] Centro Federal de Educação, Ciência e Tecnologia.

Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL. Mestra em Educação Brasileira pelo Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE/UFAL. Doutoranda em Educação Brasileira pela mesma instituição. Líder do Grupo de pesquisa Formação de Professores: políticas e práticas. Professora dos cursos de licenciatura do Instituto Federal de Alagoas – IFAL. [reginabrasileiro@gmail.com](mailto:reginabrasileiro@gmail.com)

Doutor em Ciências pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP (2009). Atualmente é Professor Efetivo do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Alagoas-IFAL (D303/Adjunto 3), Coordenador do Curso de Licenciatura em Química e Líder do Grupo de Pesquisa em Analítica, Eletroanalítica e Desenvolvimento de Sensores - GPAES/Campus Maceió. [phaby.lima@gmail.com](mailto:phaby.lima@gmail.com)

Recebido em: 05/07/2015

Aprovado em: 06/07/2015

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Método de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: